

TRIBUNA DE COIMBRA

Avaliações intercalares

MUITO se disse e escreveu sobre estas mini-«férias» escolares ou, como oficialmente se designaram, de avaliações intercalares. Tudo bem! Os alunos precisam e os professores também. Hoje compreende-se melhor o desgaste provocado pelo dia-a-dia escolar e a necessidade de estar em forma é uma exigência mais evidente. E estamos a falar de férias que, em geral, foi isso que aconteceu pelo País. Agora, daqui até ao Natal, haja melhor disposição e energia nas escolas, da parte de alunos e professores para um melhor aproveitamento e rentabilidade. É certamente a esperança de todos os pais e educadores, embora saibamos que a época que se avizinha, de autêntico «bombardeamento» publicitário, traga também os seus contratempos. Em todo o caso este tempo extra-escolar precisaria de ser reflectido e possivelmente melhor organizado. Porque não programar visitas de estudo, com mais tempo e espaço, contando com os apoios logísticos e humanos das delegações regionais da juventude? Sabemos que muita da gente nova das nossas escolas anda já ligada à Internet sem conhecer a riqueza cultural e humana do País a que pertence. Seria uma boa ocasião de encontro, a pequena escala, entre professores e alunos, mormente nas áreas de desenvolvimento humano, formação ética e desportiva. Pequenos grupos constituídos de forma voluntária e orientados para intervenção escolar. Encontro e formação de delegados de turma, seu papel e sua acção junto das turmas que os elegeram. Claro, isto supõe uma escola-comunidade educativa onde a disponibilidade humana dos educadores se compaginasse com a confiança da família. Teriam aqui pleno cabimento os animadores culturais, secundando o trabalho dos professores. Temos a certeza de que os meios financeiros

Continua na página 4



Uma vista da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

A PESAR das escassas notícias que a Comunicação Social nos dá sobre Angola, informarem de algumas modificações na situação militar, decerto importantes, pelo menos no que respeita à sobrepressão em que estavam vivendo as populações mais atingidas pela guerra, o essencial da questão permanece.

É que — volto a debruçar-me sobre o Manifesto para a paz em Angola que há duas quinzenas venho reflectindo — «o calar das armas, no contexto de Angola, não significaria o fim da guerra. As consciências angolanas, sobretudo as dos políticos, estão mais armadas do que os exércitos que dirigem».

Soberbas a lucidez e a coragem destas afirmações! Lucidez, porquanto, apesar de evidente que o findar de uma forma de guerra dita convencional não é verdadeiro fim da guerra, se ela continuar em forma de guerrilha — e tal depende de uma profunda e séria conversão que passa pelo desarmar das consciências — tal evidência parece não ser percebida por muitos a quem talvez convenha mais não perceber...

É o que sugere o parágrafo seguinte do Manifesto: «No caso de Angola, a paz foi sempre encarada como a cessação de combates e o processo de

desarmamento e desmobilização. Essa visão, principalmente alimentada por certos estrangeiros e pelas emoções internas, é pouco mais do que uma ilusão tranquilizadora para os que, de forma desesperada perseguem a verdadeira paz; e para os que da paz imediata se servem para obter lucros e posicionar-se em termos estratégicos e geopolíticos, na corrida às riquezas de Angola».

Corajosas estas afirmações, dizia acima, porque verdadeiras e o ir ao cerne das realidades problemáticas exige frequentemente muita coragem. E ainda corajosas porque os autores do Manifesto não se põem de fora (como veremos mais explicitamente outro dia) não se excluem da globalidade das «consciências angolanas» que carecem de «desarmamento e desmobilização». Este é o remédio total, não mera panaceia, para que haja paz em Angola.

Como se deduz deste último parágrafo citado, as interferências estrangeiras só complicam, só estorvam, na medida em que é duvidosa a sinceridade delas, antes se presente mais

viva a motivação de interesses para os quais «as riquezas de Angola» são um despertar do apetite.

Meu Deus, a independência é uma meta sempre difícil tanto para as pessoas como para as Nações! O colonialismo é uma tendência sempre a espreitar na alma do mais forte sobre o mais fraco. Ontem, à noite, à partida para o Porto dos nossos do Lar, perante uma roupa que ali ficara mal pousada, um dos presentes impera a outro, muito mais débil de faculdades: — Vai arrumá-la. Ao que imediatamente reagiu outro (por acaso de origem angolana): — Porque não vais tu?... E ele foi. Gostei!

Por tudo isto — e remato com mais esta transcrição do Manifesto — é que «a guerra em Angola só terminará quando a sociedade civil, o povo em geral, tomar consciência de que não há solução militar para o conflito angolano, tomar consciência do processo de destruição de que está a ser alvo — e assumir a responsabilidade de reclamar a paz». «Nós, angolanos!»

Padre Carlos

SETÚBAL

Busco uma Mãe para o Lar de Setúbal

UM grande autocarro da Beira Interior trouxe a esta Casa, de novo, um grupo de pessoas de Castelo Branco e arredores.

Moveu-o a ânsia de comungar a nossa vida e partilhar connosco a globalidade da sua riqueza: Fé, oração, fraternidade afectiva, comida, doces regionais, fruta da sua cultura, etc.

Um recado pelo telefone preparou a visita: «Que não fizéssemos almoço. Que nos serviam a refeição».

As pessoas do Interior não foram ainda totalmente buriladas por aquilo a que se convencionou chamar progresso, modernidade ou, até, pós-modernidade. São simples. Cultivam a espontaneidade. Apreciam o valor íntimo das coisas e das pes-

soas pelo que elas são, duvidando do que aparentam. Enforma-as uma sabedoria virgem, a qual irradiam inconscientemente, transmitindo-nos uma saudade dos valores que as enformam.

Sentem-se bem no ambiente naturalista da nossa Casa. Entendem-nos. Reconhecemo-nos.

Não foi sem motivo que o Pai Eterno foi escolher para Mãe de seu Filho uma mulher da província, em vez de a ir buscar às catedras ou palácios do tempo.

Através da História, verificamos que os homens e mulheres elevados à sublimidade dos grandes valores humanos foram, na generalidade, gente oriunda dos meios humildes ou que com eles se irmanou numa sede

incontida de simplicidade, pobreza e escondimento. Ânias que a modernidade expulsou do meio do povo... também... da Igreja!

As senhoras das Casas do Gaiato vieram todas dali.

Afeiçoadas cada vez mais aos pequeninos, nunca apareceram em parte nenhuma, nem sequer se apresentaram a Alguém para se consagrarem.

A sua canonização é feita na vida dos Pobres, totalmente assumida na aventura providencial do Amor do Pai que vê no oculto!...

É no perfil — como hoje se diz — das senhoras que nos visitaram, vindas daquele Interior sadio, que eu busco uma Mãe para o Lar de Setúbal.

Talvez algum Pároco ou Cura de Almas seja capaz

de descobrir uma entre as que procuram um ideal semelhante ao de Jesus e nos mesmos moldes; e encaminhá-la para uma doação destas, que não dá nas vistas de ninguém, mas que é, como a de Maria, viver, na autenticidade da vida, o Amor de Deus incarnado nos pequeninos sem mãe.

Não interessam as roupas! Importa, sim, o conteúdo!...

As senhoras, de Castelo Branco, trouxeram ainda 206.203\$00 e mais vinte contos para o Fernandito que se casou, aqui, a 17 de Outubro.

O Lion's Clube de Setúbal efectuou, mais uma vez, a sua Feira da Ladra a nosso favor.

Além da ajuda, é um acontecimento de simpatia que movimenta muita gente em redor do ideal que nos enche a vida. O esforço e a fraternidade feliz das Lionnes, bem como a alegria contagiante, foram notas salientes na Feira!

Em Setúbal bem precisamos de manifestações desta natureza!

Padre Acílio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VÍTIMA D'ACIDENTE — Fomos alertados para a situação de um Pobre, vítima de desastre.

Infelizmente, somos um dos países da Europa com maior percentagem de sinistrados (até por falta de segurança).

Além do mais, procurámos indagar a sua posição no domínio da Segurança Social..., tendo, para o efeito, abordado uma Assistente com a mão na massa.

— Será admitido no *Rendimento mínimo*?

— *Isso, não...! Esse é um «benefício ocasional»...*

Satisfeitos com o atendimento, dissemos para os nossos botões: — Estamos com gente nossa!

Atendendo à idade do pobre homem, à sua incapacidade para o trabalho, seria mais conveniente, de facto, a pensão de reforma: — *Vamos tratar da pensão. No entanto, ele que nos traga a sua documentação pessoal e a da Segurança Social.*

Aliás, este dar a mão aos Pobres faz parte, desde sempre, da nossa acção específica. Primeiro, a Justiça; depois, a Caridade.

CASAS PARA POBRES — Continuamos a dar um pouco mais de conforto às 15 moradias dos nossos Pobres, construídas pelo Pai Américo — e que foram, são, luz para muita gente.

O actual investimento é um pouco elevado... Mas está posto nas Mãos de Deus!

Face às carências d'habitação que subsistem pelo País em fora, a própria grande Imprensa alerta para o grave problema dos Sem-abrigo:

«O crescimento do número dos Sem-abrigo tem levado a que este fenómeno social deixe de ser apenas sentido em Lisboa ou no Porto, para se estender a outras localidades portuguesas. Também é verdade que eles são cada vez mais jovens e alguns até universitários. A precarização do emprego e a falta de formação profissional associadas à toxicodependência são factores importantes no crescimento do número dos Sem-abrigo. Ai se as estrelas falassem!» — termina o articulista.

PARTILHA — A assinante 6205, de Goães, com um cheque para ser dividido por vários sectores, não esquecendo os nossos Pobres.

Mais outro, da assinante 23311, de Setúbal, com a mesma intenção, «sobretudo para os que precisam mais de ajuda».

Remessa, habitual, da assinante 31104, de Lisboa: «Preciso do auxílio de Deus para um problema que me preocupa». Linguagem cristã.

De Almada, presença da assinante 47887, com o coração aberto aos Outros:

«Na confusão do dia-a-dia, das semanas que correm sem que se dê por isso, chega O GAIATO, fruto da Obra do Padre Américo.

Porque Deus é persistente e não me deixa perder a Fé, Ele continua alimentando-a com estes pequenos sinais. Sabendo que para continuarem a vossa acção qualquer ajuda é bem-vinda, mando um cheque» de dez mil.

Mais dez mil, da assinante 12319, de Penafiel, «produto de um trabalho que fiz e para que a vossa Conferência o aplique no que fizer mais falta». São coisas aparentemente pequeninas, mas de grande proveito para os nossos Pobres!

O assinante 52852, de Aradas, Aveiro, pôs as contas de O GAIATO em dia «e a parte sobrança é para os vossos Pobres. Obrigado pelo bem que fazem. Não tendes só retórica, tendes obras» — em nome do Senhor e de mais ninguém.

Três mil, da «Avó dos cinco netinhos», de Setúbal, sempre «com muito amor e carinho».

Um vale de correio, de dez mil, emitido por «uma portuense qualquer», é o «donativo relativo a Novembro e Dezembro. Dou graças ao Senhor por me ter permitido que, um ano mais, eu tenha podido enviar esta migalhinha». Seja por muitos anos mais!

Outro cheque, emitido agora do Porto, «por uma intenção particular, a que darão o melhor destino que entenderem. Além do anonimato, peço que não agradeçam porque eternamente grata deve estar-Vos a sociedade. Votos de saúde e muito ânimo» — que retribuimos na mesma proporção.

«Nove mil e quinhentos escudos, mensalidade de Novembro», da assinante 31254, de

Fiães (Feira), «por alma dos pais», disse.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Indicamos o nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ARVOREDO — As árvores dos arruamentos da nossa Aldeia sofreram com a última tempestade. Por isso, houve que pedir ajuda aos Bombeiros, de Paço de Sousa e de Penafiel, para que dois Voluntários — com a escada *Magirus* desta Corporação — e a ajuda do Neca e de outra malta nossa, derrubassem algumas árvores.

Tudo correu bem, felizmente. Só foi pena ficarmos com menos sombras. Mas é a lei da vida. Agora, há que replantar mais algumas delas.

LIMPEZA — O «Rolhas» e o Carlitos «Russo» fizeram uma grande limpeza em nossa Casa, nos prédios da casa-mãe e da Capela. Foi no tempo certo, sem criar problemas a ninguém.

FESTAS DE NATAL — Está marcada uma para 19 de Dezembro, às 15 horas. E teremos outra no próprio dia de Natal, à mesma hora.

A programação e a execução da receita será de gente nossa, que aplaudimos com entusiasmo.

POCILGAS — Os porcos estão a ficar gordinhos para a



Grupo de «Batatinhas» da nossa Aldeia de Paço de Sousa

matança! Será um bom petisco nas festas de Natal e de Ano Novo.

VACARIA — As vacas estão a dar, agora, pouco leite! E os vitelos crescem cada vez mais.

O «Meno» orienta os trabalhos do campo e da vacaria.

Se houver, por aí, Amigos que nos ofereçam vacas, porcos, coelhos, galinhas, perus, etc., seria óptimo, pois todos gostamos muito de carne de aves e de animais.

FUTEBOL — Em 1 de Novembro, Dia de Todos os Santos, recebemos uma embaixada de antigos gaiatos do Tojal. Demos-lhes uma boa recepção, jogámos à bola e ganhámos o desafio.

No próximo dia 27 do corrente, os mais pequenos terão um encontro com os do Tojal. Pois que tudo corra bem e sejamos mais amigos uns dos outros.

Filipe David

Mamãe Angola, não permitas

*Angola, minha terra, minha mãe,
Porque permites que os teus filhos
Sofram desnecessariamente?
Por favor, mamãe, eu quero andar
E abrir caminhos por onde passar.
Quero alegrar-me e partilhar com outros
Sorrir e ver os meus irmãos sorrindo
Cantar com todos os angolanos.
Quero destruir barreiras, dar as mãos.
Quero falar pelos que o não podem fazer
E viver em paz e dar paz aos irmãos
Para dizer com eles em comunhão:
A paz é um poder maior que a guerra
É dom maravilhoso que luz e faz
Sentir fraternidade nesta terra,
Nesta Angola onde o sol sempre nasce
E fecunda — e a vida sempre cresce.*

Orlando

RETALHOS DE VIDA

«Olhinhos»



O meu nome é Luís Carlos da Silva Moniz. Nasci em Santa Maria dos Olivais, Lisboa, em 26 de Outubro de 1988. Tenho 11 anos de idade.

E sou conhecido, aqui, por «Olhinhos».

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque me portava mal. E, também, porque a minha mãe me abandonou nos braços da minha avó (tenho saudades dela!) que me criou.

Por lá, eu só queria brincar. Ia para a casa do meu primo sem dizer nada à minha avó, que se fartava de gritar por mim, pois eu entrava em casa lá para as tantas da noite.

Ela não me podia aturar porque também me portava mal na Escola onde andava, em Lisboa. Por isso, pedi para me receberem na Casa do Gaiato.

Aqui, frequento a Escola Primária. E, amanhã, gostaria de ser médico.

Luís Carlos («Olhinhos»)

MIRANDA DO CORVO

AULAS — Já começaram, há cerca de um mês, e as coisas estão a correr positivamente.

Agora, aproximam-se os testes que requerem bastante estudo.

AGRICULTURA — Foi colhido metade do milheiral. Só falta a terra do poço novo que, devido às chuvas, ainda não tinha sido colhido.

DESPORTO — Nos fins-de-semana a malta de Coimbra encontra-se toda em Miranda do Corvo para se disputar uma partida de futebol. Mas as vitórias são favoráveis aos estudantes de Coimbra.

CONVÍVIO — A malta do Lar de Coimbra esteve, um sábado, reunida na Casa dos Missionários Combonianos, de

Coimbra. Um dia bastante alegre. Divertiram-se muito. Mas serviu também para reflexão da nossa Fé. Esperamos que haja, mais vezes, dias como este.

Zaire

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

CONVÍVIO — No dia 26 de Setembro houve um convívio organizado pela nossa Associação, na Senhora da Piedade de Tábuas, em Miranda do Corvo. Principiou com a Missa dominical na Casa do Gaiato e um agradecimento à D. Maria do Rosário pelos 50

anos ao serviço da Obra da Rua.

Seguimos, depois, para a Serra. O número de pessoas rondou os 100.

Além dos nossos Padres, esteve presente uma família algarvia, de Faro. Conhecendo já outras Casas, pediu para estar presente o pai, a mãe e três filhos.

Almoçámos, acho que todos bem. Depois, homenageámos a D. Maria do Rosário. Algumas palavras do presidente da Associação que enalteceu e agradeceu a sua acção ao longo de tantos anos. Como lembrança, oferecemos um quadro dos actuais gaiatos da Casa, com versos deles. Alguns colegas nossos não quiseram deixar de fazer também o

ENCONTROS EM LISBOA

Uma cópia muito atrapalhada

QUANDO andava na escola, um dos exercícios de que não gostava muito era de fazer cópias. Hoje, passado todo este tempo, reconheço que foi um exercício muito útil porque me obrigou a melhorar a letra, corrigir os erros e lançar-me em criatividades literárias por conta própria. Noto que hoje os nossos miúdos não se dão a esse trabalho e creio que essa falta se faz sentir, quer na forma como escrevem, quer na ortografia, quer na capacidade de se exprimirem por escrito. Isto para dizer que a cópia não é um mal, mas pode ser um caminho para aprendermos melhor e depois nos lançarmos na criatividade.

Sem querer ofender ninguém e também sem fazer um juízo totalmente negativo sobre o assunto em causa, esta reflexão vem a propósito da interrupção escolar verificada na primeira semana de Novembro. É verdade que esta interrupção, que foi colocada no calendário escolar pelo segundo ano consecutivo, é uma cópia daquilo que se faz noutros países da Europa e, pensando bem, até não estaria mal. No entanto, é bom que façamos uma boa cópia e aprendamos dos outros países que fazem esta interrupção as razões e, assim, possamos reflectir sobre a nossa realidade e dar-mo-nos também ao luxo de uma certa criatividade.

Nos países onde se verifica a interrupção em Novembro, têm um início de ano escolar em meados de Agosto ou princípios de Setembro; e o fim do ano lectivo em fim de Junho ou mesmo Julho. Por outro lado, esta interrupção é, na maioria dos casos, ocupada com actividades para-escolares, com passeios, desporto, visitas de estudo, etc.

Ora, o que se verifica no nosso País é uma cópia muito atrapalhada que não ajuda nada nem ninguém. Tenho miú-

dos que no dia dez de Junho já não tinham aulas e na última semana de Setembro ainda andavam à procura de horários... Antes desta interrupção, que se cifrou por três a quatro semanas de aulas, não houve sequer tempo para estabilizar e fizeram-se muito poucos testes porque não havia matéria para tal. Pura e simplesmente interromperam-se as aulas e, como os pais não podem interromper o trabalho, onde ficam os filhos?

Estarei na disponibilidade de aceitar esta interrupção como algo positivo no decurso do ano escolar e não estaria errada esta cópia, se copiássemos o texto todo. Então comecemos as aulas mais cedo, de modo que o primeiro período tenha dois tempos de, pelo menos, mês e meio de actividade escolar efectiva. Organizemos as actividades para-escolares nestas alturas e não andemos constantemente com interrupções, faltas a aulas, etc., num constante redemoio que não permite o mínimo de concentração necessária à actividade escolar.

Padre Manuel Cristóvão

COLECÇÃO

EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

Volumes da autoria de Pai Américo:

1. PÃO DOS POBRES — 1.º volume (5.ª edição)
2. PÃO DOS POBRES — 2.º volume (5.ª edição)
3. PÃO DOS POBRES — 3.º volume (4.ª edição)
4. PÃO DOS POBRES — 4.º volume (1.ª edição)
5. OBRA DA RUA — (4.ª edição, actualizada)
6. ISTO É A CASA DO GAIATO — 1.º volume (3.ª edição)
7. ISTO É A CASA DO GAIATO — 2.º volume (2.ª edição)
8. BARREDO — (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos)
9. OVO DE COLOMBO — (2.ª edição)
10. VIAGENS — (2.ª edição — reordenada e aumentada)
11. DOCTRINA — 1.º volume (2.ª edição — aumentada)
12. DOCTRINA — 2.º volume (1.ª edição)
13. DOCTRINA — 3.º volume (1.ª edição)
14. CANTINHO DOS RAPAZES — (2.ª edição)
15. NOTAS DA QUINZANA
16. DE COMO EU FUI...
17. CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

Volumes de outros Autores:

18. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE AMÉRICO
João Evangelista Loureiro
19. CALVÁRIO (3.ª edição — reordenada e aumentada)
Padre Baptista
20. A PORTA ABERTA
PEDAGOGIA DO PADRE AMÉRICO — MÉTODOS E VIDA (2.ª edição)
Obra compilada por Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte
21. O LODO E AS ESTRELAS (3.ª edição — aumentada)
Padre Telmo Ferraz
22. ESBOÇO DE CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE AMÉRICO
Manuel Mendes
23. UM GRANDE EDUCADOR PORTUGUÊS DO SÉCULO XX
João Evangelista Loureiro
24. PADRE AMÉRICO — MÍSTICO DO NOSSO TEMPO
Padre José da Rocha Ramos

PENSAMENTO

Dar sem condições nem restrições é a maneira como Deus dá.

PAI AMÉRICO

Uma carta

Seis netos

«Costumo inscrever os meus netos como assinantes d'O GAIATO.

Já são seis (dois de cada filho casado, embora o Jornal vá em nome do mais velho).

Dentro de dias, espero o sétimo neto e vou já mandar o seu endereço porque é o primeiro da filha que reside em Lisboa (...) Portanto, irei para junto dela o que não me permitirá tantas possibilidades de escrever.

(...) Aproveito enviar o cheque das assinaturas para o próximo ano. Se vier a repetir, por esquecimento, saberão utilizar os valores — e não façam caso da minha memória que começa a fraquejar.

Faço um pedido: Se for possível, o último neto não poderia ficar com o meu número, seguido de A? Seria mais uma recordação da avó que tanto lhes quer...

Saudações muito fraternas da Avó de Viseu.

Assinante 17477»

seu agradecimento. Uma festa bonita e sentida. Também os ausentes, que passaram pela nossa Casa durante os últimos 50 anos, estiveram presentes.

Houve, depois, um divertimento composto por um leilão de ofertas e rifas, produto para as despesas da Associação. O «Chola», como leiloeiro, foi um espectáculo!

Realizámos jogos de malha e cartas. Merendámos. E retirámos contentes pelo tempo passado e pelo dever cumprido.

Agradecemos à malta que veio de Lisboa e do Porto, alguns dos quais já não víamos há anos, e também à comissão do Santuário que facultou o espaço.

Manuel dos Santos Machado

Nesta minha Lisboa

Nesta minha Lisboa
Entre ruas luzidas
E modernas avenidas
Entre o progresso
O sucesso e o retrocesso
A cidade ensina-me
Uma profecia boa:
Sê firme,
Leve e livre
Nas decisões da tua vida!

Nesta minha Lisboa
Entre casas sólidas
E gentes anónimas,
Entre a miséria
A abundância e as festas,
A cidade deslumbra-me
Com seu rio enérgico
E seu belo castelo
Até me sentir impune!

Manuel Amândio

BENGUELA

O Povo é quem mais sofre

É Domingo. Subi ao morro coberto de casas e de cubatas onde vivem milhares de pessoas. O Povo gosta de ver o Padre no seu meio, quando vai para ajudar. As crianças vêm primeiro. Saem de todos os cantos e acompanham todos os passos do mensageiro da paz. É do contacto com o Povo simples, pobre e miserável, mais os seus filhos, que a nossa vida consagrada ganha sentido sempre renovado. A raiz da nossa vida está nos Pobres com quem Jesus Cristo Se identificou.

Subi ao morro por causa das casas deles, mais a cobertura e portas e tudo. Muita gente voltou para trás por causa da guerra, quando já estava a caminho das suas aldeias, no interior. Outros estavam lá, mas tiveram que fugir. Por isso, precisam de tudo. O Povo não tem culpa. É quem mais sofre, sempre com um sorriso ao ver a mão estendida a agarrar a sua mão. Damos-lhe tão pouco em troca do muito que recebemos dele. Nesta permuta está a nossa felicidade. Apetece-me dizer que a felicidade está ao alcance de todos. Uma coisa é necessária: Fazer o que devemos fazer.

Hoje é Domingo. Vi-me confrontado, juntamente com todos os que estavam comigo, com a Palavra do Evangelho. Os insensatos não participaram da Festa. A porta que dava

acesso ao banquete fechou-se. Os que ficaram de fora foram os que não fizeram o que deviam fazer. Assim em nossa vida. Olho para mim e olho em volta. Sinto-me feliz quando faço pelos Outros o que posso e devo fazer. Continuo a pensar que é possível fazer sempre mais.

Cada um tem o seu posto. Os lugares são diferentes. As responsabilidades, também. Cada um, entretanto, deve responder pela missão que lhe foi confiada. Na vida particular e na vida pública. Quem está na vida como quem serve, não é amarrado por nada nem por ninguém. Cria. Inventar. Procura maneiras de servir sempre melhor. A situação em que se encontra o nosso Povo é um desafio diário à nossa capacidade de serviço. O governante é um servidor privilegiado do seu Povo, pelo lugar que ocupa. Não se faz, diz-se, porque não há dinheiro. Muito mais se poderia fazer com bom capital humano. Aqui reside o núcleo da questão. Uma Nação é rica e feliz quando é solidária. A riqueza dum Povo está no coração e nos bens repartidos solidariamente.

Acredito que em Angola há muita riqueza, em potência e em acto. Simplesmente, não está ao serviço do nosso Povo. Não está. Ele é tão fácil pôr esta gente feliz, num primeiro momento! Eu vejo e sinto-o, todos os dias. Os discursos

políticos não resolvem porque não nascem da vida do nosso Povo, embora sejam feitos para ele. Caem no vazio e no descrédito.

Há dias, veio ter conosco a chamada «comissão dos direitos humanos» da zona onde estamos. Conversámos muito sobre a nossa vida e a vida das crianças, em volta de nossa Casa. É um estrato social muito abandonado. Decidimos pôr mãos à obra na construção de creches em bairros circunvizinhos. Não vamos fazer tudo, nem eles podem fazer tudo. Vamos ajudar-nos mutuamente. É um caminho seguro e prático. Cada parte ajuda com o que pode. E mais auxílios hão-de chegar.



Em Benguela, os nossos rapazes desfolham ramos de batata-doce como quem brinca.

Padre Manuel António

Monseñor Miguel Sampaio

QUANDO o Presbítero do Porto, em sua maioria, ainda se não tinha apercebido de que as singularidades do Padre Américo eram manifestações de um carisma, Padre Miguel Sampaio adquirira já essa certeza — e desde a primeira hora uma devota amizade uniu os dois sacerdotes.

Eu conheci-o aqui em Casa nas vésperas da pri-

meira sexta-feira de cada mês, aonde vinha confessar, mais o Padre Francisco de Babo e o Dr. Ave-lino Soares. Foi uma época alta de acção espiritual junto dos rapazes, que a regularidade da preceção favorecia, cujos frutos experimentei — época de que guardo uma saudosíssima recordação. Dr. Ave-lino e Padre Babo já partiram, há muito. A Monseñor Miguel veio

agora Deus buscá-lo. Aqui já não vinha há muito, que a idade e a saúde o não permitiam. Também eu, não sabendo vencer a tentação da pressa, o visitava só de longe a longe, apesar da delícia que era encontrar-me com aquele Mestre da altíssima ciência do Acolhimento. Mas ele, leitor «aferroado» de O GAIATO, seguia *pari passu* a nossa vida, davanos força com a sua ora-

ção. Nas suas homilias com muita frequência evocava Pai Américo, mediante recordações que a convivência havida proporcionava ou a propósito da doutrina activa que Monseñor tão efectivamente acompanhou.

Em uma das derradeiras visitas que lhe fiz, na salinha da sua biblioteca, dizia-me ele, apontando as estantes peçadas de livros: — *Para que serve isto tudo?! Quem me dera*

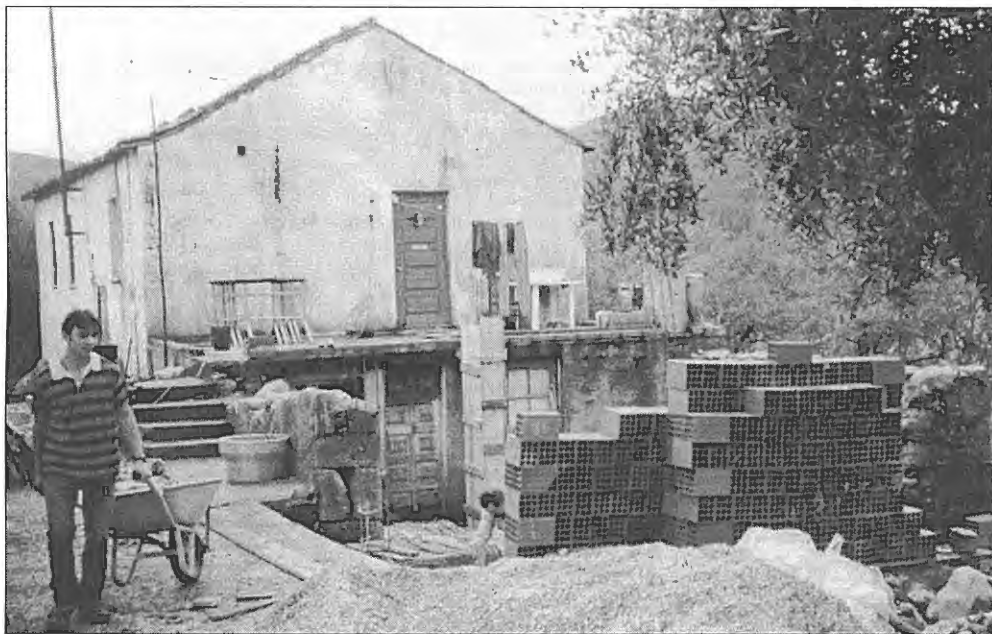
saber como o Padre Américo, leitor de um só Livro!

Tendo sabido tarde da sua morte, não pude mais aquele dia do que ir vê-lo chegar e descer à sepultura. Fui por necessidade minha. Por esta mesma razão, se Deus o permitir, estarei logo à tarde a celebrar a Missa do sétimo dia em Ermesinde, onde o sinto mais porque foi ali que ele deu a maior parte da sua vida no serviço de Deus e dos homens. Aliás, bem poderia estar com ele

no quarto de Pai Américo, hoje oratório, onde naquelas quintas-feiras de todos os meses — como escreveu o próprio Monseñor — «se o tempo sobrava, um pouco de conversa se fazia, aguardando-se a hora da ceia, durante a qual o melhor repasto era o serviço pela palavra do Padre Américo, com a qual o espírito se banquetava mais lentamente do que o corpo».

Ei-los no Céu, em convívio eterno.

Padre Carlos



Só é deles o topo construído. Já se vê a laje e os materiais para a nova construção. Ficará uma moradia familiar.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Visitas consoladoras

FOMOS VISITAR algumas casas de famílias que estamos a ajudar a restaurar ou a acrescentar a sua moradia.

Era manhã quando chegámos a outro distrito onde nos esperavam dois netos da Obra da Rua, órfãos de pai, criado em nossa Obra, os mais velhos de sete filhos. O primeiro, já independente, necessita duma cozinha e quarto de banho. O outro, a caminho para adulto, precisa de quarto e casinha de banho. Já têm projecto. Combinámos que o Património dos Pobres lhes pagaria os materiais e logo nos comprometemos com os fornecedores.

Dali, atravessámos mais três concelhos e chegámos junto da residência dum pároco, entusiasmado a ajudar na habitação dos seus paroquianos mais pobres. Apareceu, e logo, ao cimo da escada, desbafou: — *A casa da família do doentinho está a ficar maravilhosa!*

Sáimos e fomos visitar a que tem as obras mais adiantadas. Puseram a laje e construíram um quarto e um quarto de banho. Telharam e rebocaram paredes. A fossa e o resto dos acabamentos ficaram entregues ao casal que se prontificou a fazer a obra.

Retomámos a estrada e só parámos junto à casa do

doente. Pela alegria do pároco e de um dos construtores, já tínhamos entendido alguma coisa da sua obra maravilhosa. Subiram paredes, puseram placa geral e telhado todo novo, divisões interiores, quarto de banho e reforço do soalho.

Na sala, enrolado em seu catre, estava o doente, deficiente profundo; e, no quarto ao lado, a avó idosa muito embrulhada em sua cama, donde já não se levanta. Acompanhou-nos a jovem filha que, pela doença da

mãe e atraso do pai, deixou de estudar e tem sido um braço direito nas obras.

A entrada, compartimento grande onde criavam os porcos, adaptaram-na para sala-cozinha. Já tem lareira-aquecimento, abriram janela para a rua e revestiram paredes de azulejo. Fica uma sala muito familiar!

Mais dois concelhos percorridos e parámos junto da habitação onde começaram, há dias, as obras de ampliação. Junto, andava o casal atarefado a construir parede

para ampliar a barreira que ameaçava cair devido à chuva. A mãe, que teve o quarto filho há poucos meses, carregava a massa de cimento num carro de mão enquanto o marido assentava as pedras da parede. Era sábado e não tinha aparecido nenhum dos operários da obra.

Em cima da laje, já feita, vão construir um quarto, sala-cozinha e parede para ampliar o quarto de banho. Esta família tem vivido só em dois quartos e uma pequenina casa de banho. Faziam cozinha no fundo, em autêntica caverna. Depois das obras feitas, ficará uma habitação digna para a família numerosa. A Câmara Municipal que ofereceu os materiais, a Fábrica da Igreja que deu o tijolo e a Conferência vicentina que se apaixonou pelo bem-estar desta família, sentirão grande prazer pelo bem que fizeram e estão a fazer.

AO FIM DO DIA regressámos alegres e mais felizes. Não só pelo bem que procurámos fazer, mas, sobretudo, pelo testemunho de todos os que visitámos, naquele dia, e a quem estamos a ajudar.

Com a nossa colaboração procuramos comprometer as famílias a fazer o possível para melhorar as suas vidas, a começar, o compromisso dos dois netos: — *Se nos derem os materiais faremos as obras por nossas mãos.*

A vontade do casal para acabar, por si, as obras que estão feitas — já encomendou o resto do material.

A alegria da jovem que deixou de estudar para dar serventia e viver numa habitação digna de pessoas, a mostrar o quarto que será o seu.

O último casal agarrado às obras e já a sentir-se feliz pela habitação que terá para si e seus filhos.

Magoa-nos sempre a atitude de muitas famílias que habitam casas do Património dos Pobres, a danificar ou a deixar danificar as habitações e não se ralarem a conservá-las decentes. Famílias que têm sempre resposta na ponta da língua: — *O padre que faça; o senhor prior que mande fazer; as casas são da Igreja e das Conferências, eles que mandem arranjar.* Estas são, algumas vezes, as mágoas dos que procuram servir os irmãos.

Padre Horácio

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

para a concretização destas actividades não seriam regateados — se há dinheiro para tanta coisa, quantas vezes de utilidade duvidosa... Pois o que falta!

Os nossos olivais nestes dias de sol com que o Outono nos prendou, encheram-se de gente nova — os nossos rapazes — na tal pausa de actividade escolar. Foi a colheita da azeitona. Dezenas de sacos dela foram colhidos. Maravilhoso vê-los por essas terras fora enamorados pela Natureza! Há dias, o Bruno trazia uma cunha: o «fulano», seu companheiro, bom aluno, de 14 anos, perguntara-lhe se podia vir para a Casa do Gaiato, ainda... Não sei o que lhe terá passado pela cabeça ou o que é que um terá segredado ao outro. E vá lá a gente deixar-se ir atrás de teorias!

Padre João

DOCTRINA

Jesus Crucificado

é outra vez escândalo para uns, vergonha para outros; e para muito poucos, Vida.



TEMOS esta semana a registar a soma de dois mil, deixados na capela de Fradelos e mais metade no Banco, de um anónimo. Há muita nobreza nesta maneira de dar, por ser preceito do Evangelho: não toques a buzina! Tu podes fazer o mesmo, que a Casa do Gaiato do Porto tem ali conta aberta. O Banco aceita, guarda e comunica. O acesso é fácil: cinco minutos da estação, numa espécie de largo a que chamam avenida, encimada pelas obras de Santa Engrácia.

ESTIVE na Praia da Granja a dar notícias da Obra da Rua. As primeiras bancadas da Assembleia são ocupadas por inúmeras crianças cnriosas de ouvir a sorte de outras. No final levantam-se todos à uma, *cravam* seus pais em primeiro lugar — «*dê cá paizinho*» — e largam pelas salas fora a bater todas as luras...

O meu pedir é pretexto; o que se pretende é dar. A Aldeia dos Rapazes, em Paço de Sousa, não se constrói com estes pobres dinheiros, mas sim com a riqueza da Verdade que se prega à maneira que se pede. Quer seja nos casinos, quer nos cafés, quer nos teatros ou nas igrejas — é sempre de cima do altar que fala ao mundo, este pobre de Cristo. Denuncio os males da modernice, do pouco respeito aos humildes, da fachada das festas que se fazem a bem dos que sofrem, que outro fim real não têm a não ser o de gozar mais. A força do álcool já não sacia os ébrios de profissão. Assim tu, farto como andas de gozar, procuras nas festas do Pobre novas formas de prazer. O mundo está assim constituído. Tudo colabora. Ninguém dá fé do mal e se alguém no mundo se levanta contra ele — traz demónio no corpo!

JESUS Crucificado é outra vez escândalo para uns, vergonha para outros; e para muito poucos, Vida. Há uma apostasia geral da Igreja, mesmo daqueles que a frequentam, que é justamente a pior de todas. Fez-se nova doutrina de um snave amorzinho a Deus e nada de procurar saber a sério do bem do nosso Semelhante. Renunciou-se ao Evangelho. Acreditas no mundo, esperas no mundo — aí tens o Mundo!

QUANDO, há dias, vi nos jornais do dia a fotografia do Sumo Pontífice a rezar com o seu povo no meio de Roma incendiada, pareceu-me ver no Seu rosto aflito o *ad quem ibimus, Domine?*, do primeiro Pescador. Sim; para onde havemos de fugir, a que porta havemos de bater, se somente Tu, Senhor, tens palavras de Vida eterna?! De tudo faço altar. — *Pregai sobre os telhados!* — Quem tiver ouvidos de ouvir que oiça.

P. Amis. S.!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)